

Escritas de si (e para os outros) na docência em arte

*Luciana Gruppelli Loponte**

Resumo

Este trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa realizada com um grupo de docentes em arte que se reúne periodicamente na Universidade de Santa Cruz do Sul desde o ano de 2000, e que originou uma tese de doutorado em educação concluída em 2005. Focalizo aqui os caminhos analíticos da escrita que emerge desse grupo de formação docente e estudos sobre ensino de arte, baseados principalmente nas ferramentas teóricas deixadas por Michel Foucault. A continuidade deste estudo visa analisar mais detidamente a escrita docente em forma de diários e os efeitos do trabalho do grupo e de sua escrita compartilhada na própria prática pedagógica das docentes participantes do grupo e de outros docentes da região de Santa Cruz do Sul. Acredita-se que a divulgação e multiplicação do material produzido pelo grupo aponta para práticas em ensino de arte que se diferenciam das práticas pasteurizadas incentivadas por manuais e livros didáticos.

Palavras-chave: Escritas de Si. Formação Docente. Ensino de Arte.

Self-writings (and to the others) in the teaching of arts

Abstract

This paper presents part of a research developed by a group of docents who used to get together periodically at Universidade de Santa Cruz do Sul since the year 2000. These meetings had given origin to a doctorate thesis concluded in 2005. The A. focus here the analytical ways of writings that emerge from this group of docent formation and studies of teaching arts. They are based mainly in the theoretical devices from Michel Foucault. The continuity of these studies aims to analyze in details the docent writing in form of diaries. It is intended also to study the effects of the work of the group and the shared writings in the pedagogical praxis of the docents participants of the group as well as others docents from the region of Santa Cruz do Sul. We believe that the divulgation and multiplication of the produced material can lead the teaching of art that may differentiated from standard practices stimulated by didactic books and manuals.

Keywords: Self-writing. Docent Formation. Art Education.

* Mestre em Educação (UNICAMP); Doutora em Educação (UFRGS), professora de Arte do Departamento de Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul.

A formação docente em arte continua sendo uma questão crucial a ser pensada, se levarmos em conta que a arte na escola tem sido, ainda, “pedagogizada” e com seu papel minimizado na educação e instituições escolares. Na região de Santa Cruz do Sul, o quadro agrava-se, pela falta de um curso de graduação em arte (Bacharelado e/ou Licenciatura) que qualifique profissionais para a área. É ainda muito comum encontrarmos professores de outras áreas lecionando a disciplina Educação Artística (como ainda é chamada). Acredita-se ainda que uma formação mais consistente em arte é desnecessária, já que seria algo realizado em função de um “dom”, ou de uma “habilidade estética” individual. Devido à falta de formação docente generalizada na área de arte, muitas das práticas pedagógicas presentes na escola são constantemente alimentadas por um mercado editorial que aposta na ignorância docente e na busca por receitas fáceis. Publicações como *O Dia-a-dia do professor* e *A professora criativa*¹ são alguns exemplos.

A partir desse contexto, a pesquisa intitulada “Docência artista: arte, estética de si e subjetividades femininas” perguntou pela possibilidade da constituição de uma “docência artista”, partindo do pressuposto de que a formação docente em arte (de professoras de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio) é bastante precária, e que as relações de gênero estão implicadas na definição do discurso sobre arte e na constituição da docente em arte. No trabalho, relacionou-se a docência artista com as práticas da escrita de si e das relações de amizade, como formas possíveis de resistência e de subversão aos poderes subjetivantes (principalmente aqueles que envolvem relações de poder e gênero), a partir da análise do trabalho de formação docente em arte que vem sendo desenvolvido há seis anos com um grupo de professoras na Universidade de Santa Cruz do Sul. Como marcos do referido trabalho estão as produções teóricas de Michel Foucault e dos Estudos Feministas (principalmente ligadas à arte e educação), e pela escuta atenta às reverberações nietzscheanas. A partir das teorizações de Michel Foucault sobre estética da existência, ética, escrita de si e relações de amizade, problematiza-se a possibilidade de uma docência artista. Os eixos de análise para o material empírico (textos diversos, cartas, memoriais, portfólios, diários de campo) emergiram da produção teórica do filósofo: escritas de si; jogos de desaparecimento; amizades, arte e docência e uma etopoética docente. A docência artista em debate nesta tese procurou se contrapor a uma docência pasteurizada, ou a modelos feitos para vestir, marcada por rótulos de manuais didáticos, endereçados a supostas “professoras criativas”.

A pesquisa tornou visível o efeito positivo deste grupo no trabalho de cada professora envolvida, cerca de doze docentes. O grupo continua se reunindo na universidade, mesmo depois de encerrada esta pesquisa. Uma das questões ainda a perseguir neste trabalho de formação continuada docente é o registro e escrita do processo de planejamento e realização das aulas de cada uma, e das idéias que surgem a partir dos debates no grupo e sua materialização em práticas pedagógicas individuais. Relato aqui um recorte desta pesquisa, principalmente o que diz respeito às escritas docentes deste grupo de professoras de arte.

Escritas de si e docência

Um grupo de professoras de arte ou de professoras preocupadas com o ensino de arte, que emerge do contexto difícil de formação docente em arte na região de Santa Cruz do Sul (situação que se repete em outras partes do país) constituiu o objeto de estudo principal da pesquisa. Durante os últimos anos (desde o ano de 2000), essa experiência de formação docente - experiência feita de descontinuidades, rupturas, idas e vindas - foi se constituindo como uma brecha de resistência, como uma “dobra” respirável diante das relações de poder e saber que tecem o campo do ensino de arte. É neste grupo que se mostra, que se dá a ver uma “docência artista”.

Na trama desta docência, a escrita se apresentou como uma ferramenta importante. Na escola, há pouco espaço para uma escrita docente que escape de uma escrita obrigatória e burocrática. No grupo, ela vai surgindo como exercício titubeante: *mil nadas*, mil memórias, cartas, textos, portfólios. Escrita e imagem se fusionam, se complementam poeticamente. Refúgios de si mesmas, as escritas completam-se com o olhar de outras docentes. Não há solidão na escrita de si nem na escrita da própria docência. As relações de amizade que se estabelecem no grupo são, então, indispensáveis nesta trama. A partir da relação entre escrita e amizade, não se é mais a mesma. O mesmo se desfaz continuamente. Felizmente.

Professoras, em geral, pouco escrevem além das escritas exigidas burocraticamente nos espaços escolares: planos de aula, cadernos de chamada, etc. Podemos assim, perguntar: qual é a possibilidade de autoria das mulheres que estão à frente da sala de aula? Que posições de sujeito elas ocupam dentro dos discursos que “se murmuram” nos corredores, nas salas de professores, nos livros didáticos, nas suas próprias aulas? Há a possibilidade de uma “docência-autor”, ou ainda, uma docência artista? Minha pesquisa demonstrou que isso é possível, ainda que esta não seja uma tarefa fácil, e que esta docência que continuamente se faz artista não possa ser considerada simplesmente um ponto de chegada.

Através da escrita nos desvelamos, mostramos um pouco o que somos, ou quem pensamos momentaneamente que somos. A escrita, a minha e a das professoras com quem trabalho, tem sido uma constante no processo de pensar sobre a formação docente em arte. Com Foucault, acredito que é possível pensar na escrita de si como uma forma de resistência ou de subversão aos poderes subjetivantes na constituição de um modo docente artista. Subjetivação e não sujeição, o sujeito como “uma escolha irredutível da existência” (Gros, 2004, p. 618), um sujeito verdadeiro, que é capaz de discursos verdadeiros, o que não significa dizer a verdade sobre si.

Foucault busca nas práticas de si da Antigüidade greco-romana algumas respostas possíveis para pensarmos nas questões éticas atuais. A escrita de

si, que é também escrita para os outros, é um dos suportes para o cuidado de si, para uma ética de si mesmo, um dos dispositivos de subjetividade greco-romanas. A escrita de si é uma das técnicas da *epimeleia heatou*² na Grécia Antiga. Foucault (2004a) identifica a escrita etopoética de duas formas: os *hypomnematae* a correspondência. A escrita seria uma etapa essencial para a *askesis*, para a elaboração dos “discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de ação”(FOUCAULT, 2004a, p. 147). Como uma das formas de fazer da própria vida uma forma de arte, uma técnica ou uma espécie de saber, a escrita adquire um papel importante na antigüidade.

Estas formas de escrita na Grécia antiga estariam estreitamente ligadas com o cuidado de si, e relacionadas com o cuidado e o governo dos outros. No cristianismo, a função da escrita pessoal é outra: é uma forma de trazer à tona os movimentos do pensamento mais ocultos, é uma espécie de teste, uma forma de “libertação”, de “salvação” pela renúncia de si mesmo. De qualquer maneira, tanto os diários pessoais como as cartas não se fecham em si mesmos, elas são um convite a pensar sobre si, mas também em relação aos outros. As duas formas de escrita são feitas de fragmentos do que se vê, do que se ouve, do que se lê – são escritas feitas de outras escritas. O que é importante destacar é que a escrita, assim como a amizade, insere-se nas práticas que constituem a *askesis*. Através da escrita de si, que se completa com a leitura do outro, é possível elaborar os discursos recebidos e tidos como verdadeiros em princípios racionais de ação. A escrita tem uma “função *etopoiética*: ela é operadora de transformação da verdade em *êthos*” (FOUCAULT, 2004a, p. 147). A escrita de si mesmo abre a possibilidade de operar os discursos verdadeiros que pensamos, que defendemos, que acreditamos, que construímos, em ações, em modos de ser, em uma ética própria. Afinal, podemos ser o sujeito ético da verdade que pensamos? Esta é uma das questões que Foucault recupera da análise das práticas estoicas de ascese ou de cuidado de si mesmo.

A escrita de si pode ser pensada como um modo de subjetivação possível, a partir das teorizações foucaultianas. A escrita de si mesmo é uma forma de reflexão, de estabelecer uma relação de forças consigo mesmo, uma forma de mostrar-se, de transformar-se. Não há uma essência do sujeito a ser desvendada – os sujeitos são formas, não substâncias. Só que esta escrita que pode ser auto-referenciada, feitas de outras escritas e experiências não se basta em si mesma. Ela tem que ser socializada, completada com o olhar do outro. A escrita que se completa com a leitura do outro e com a sua reescrita. A escrita que afeta outras escritas e produz efeitos sobre as práticas de quem escreve e de quem lê. E aí há uma dimensão política importante. É uma forma de resistência, uma forma de encontrar um espaço respirável entre as relações de saber e de poder, uma dessas “operações éticas-subjetivas e intersubjetivas – diretamente implicadas nas resistências ao poder” (BRANCO, 2000, p. 312). É uma forma de resistência, que se faz política na medida em que não é só algo subjetivo e individual, mas coletivo, e que pode consolidar-se em relações de amizade, estas relações sem vínculos familiares, que podem constituir-se como um espaço

mais criativo para a reinvenção do político. É esta rede de escritas de si e de amizade que aparece neste grupo de formação docente em arte em questão na presente pesquisa.

A linguagem nos constitui, nos tece. Os discursos são práticas, já lemos muitas vezes em Foucault. Como nos constituímos através dos discursos que repetimos, que reforçamos cotidianamente? Quais são nossos discursos “verdadeiros”? Quais são os discursos “verdadeiros” que professoras transformam em suas práticas, como docentes em arte? De que forma discursos recebidos e reconhecidos como “verdadeiros” podem se transformar em princípios racionais de ação (ver FOUCAULT, 2004a, 2004)?

Escritas-artistas que emergem de um grupo docente

No contexto do trabalho de um grupo de formação docente, surge uma escrita mais implicada, mais comprometida, mesmo que ainda com dificuldades. Na tese, analisei as escritas de doze professoras que se manifestaram em textos de formatos diversos: cartas, projetos, portfólios. Muitas professoras passaram por este grupo, mas poucas deixaram suas marcas escritas. Na continuidade desta pesquisa, pretendo trabalhar com a escrita de seis a oito dessas professoras que continuam se encontrando periodicamente para um grupo de estudos sobre ensino de arte na Unisc, um sábado por mês. O intuito é perseguir uma escrita assinada, uma escrita-artista que constitui, de alguma maneira, a docência de cada uma dessas professoras. Além disso, a questão aqui é perguntar também: de que modo essa escrita assinada docente quando compartilhada, pode “contaminar” outras práticas docentes e outras escritas?

De que modo assinamos o que lemos, o que escrevemos? Derrida fala de uma leitura assinada, ativa, performativa, interpretativa: “a invenção de uma reescrita” (2004, p. 206). Rosa Fischer (2005) reivindica que os nossos textos acadêmicos estejam impregnados de nós mesmos, de nossa assinatura única e insubstituível. Inventar-se, reescrever-se, reler-se, assinar-se através de palavras escritas. Ambição demais para professoras?

Assinar é certificar, tornar verdadeiro, dar fé, autenticar. De qualquer maneira, uma assinatura designa autoria, e é desse tipo de escrita de que trato aqui. Uma escrita de si docente, uma escrita compartilhada que emerge não de obrigações acadêmicas e burocráticas, mas da necessidade de um grupo docente de registrar-se, de inscrever-se, de mostrar-se. Uma “escrita com sangue”, brada Nietzsche pela boca de Zarathustra. E se ainda precisamos tanto falar (e escrever) sobre isso, é porque há ainda uma anemia generalizada nas escritas produzidas pela escola, pela academia, como se não pudéssemos mais nos deixar ser afetados pelas experiências, e tudo pudesse ser apenas tocado objetivamente com as pontas dos dedos, de forma isenta, neutra e distante.

No âmbito da pesquisa já realizada, foi possível perceber o quanto a escrita de cada professora retoma para si mesma e para as outras participantes do grupo os discursos verdadeiros que ali produzidos no grupo sobre a prática docente em arte, sobre o planejamento, sobre as experiências particulares e pessoais. As escritas inscritas e inseparáveis das condições de sua produção – o grupo, uma rede de amizades – fornece um “equipamento de discursos verdadeiros” para enfrentar a “solidão da escola”.

Durante o ano de 2004 (último ano da pesquisa que originou a tese), uma importante conquista: por que não uma escrita coletiva, um portfólio do próprio grupo e por que não, tornar públicas todas estas idéias e experiências que vivemos no grupo e que ressoam em nossas salas de aula? A tese não deu conta dos movimentos do grupo que continuavam pulsando muito além dela. O importante foi registrar, contudo, o quanto começou a aparecer uma escrita mais madura, assinada, uma escrita que se autoriza a mostrar-se.

No seguimento da pesquisa a questão principal é continuar potencializando o grupo, fazendo emergir uma escrita mais madura, sistemática das práticas pedagógicas de cada uma, dos modos-artistas de ser docente. Escritas de si (e para os outros) da docência em arte. A sistematização e posterior divulgação deste material pode ser um impulsionador de práticas docentes em arte que façam a diferença em aulas baseadas em modelos pedagógicos e projetos alimentados, por exemplo, em manuais do tipo *A professora criativa* ou *O dia-a-dia do professor*, que ainda fazem parte do cotidiano pedagógico de muitas escolas da região de Santa Cruz do Sul.

É importante ressaltar que, através dessas escritas, não se está desvelando um “eu-professora” que estaria aprisionado em algum lugar, um “eu” supostamente mais límpido, que precisaria ser despertado de um sono de inconsciência e ignorância. Não há nada para descobrir, mas sim por inventar, por experimentar. Também não se busca nesta escrita encontrar narrativas de “tomada de consciência”, tal como nos adverte Larrosa (1998). Na busca dessa escrita docente que emerge de um grupo de estudos que se reúne periodicamente, a opção deste momento da pesquisa é sistematizar o registro da prática pedagógica de cada professora em forma de *diários* – diários de professoras de arte – um misto de portfólios com os *hypomnemata* investigados por Foucault. Os diários, mais do que exercícios solitários, se constituirão em exercícios compartilhados e alimentados pela discussão do grupo.

O grupo de estudo em ensino de arte que é foco deste projeto de pesquisa reúne-se periodicamente desde o ano de 2000, na Universidade de Santa Cruz do Sul. O grupo é composto por professoras que atuam com arte na Educação Básica na região de Santa Cruz do Sul. O grupo já teve várias formações, sendo que algumas atuais participantes estão no grupo desde seu início. No ano de 2006, o grupo conta com cerca de oito professoras que freqüentam os encontros regularmente. A maioria das professoras têm formação

em arte, mas há aquelas que atuam na área sem uma formação específica e também pedagogas que atuam na Educação Infantil e Anos Iniciais. Estas professoras atuam nos municípios de Santa Cruz do Sul, Candelária, Sobradinho e Venâncio Aires.

Nos encontros que acontecem um sábado por mês, são realizadas leituras e estudos sobre ensino de arte; planejamentos e idéias de aulas são colocados em debate; novas descobertas de livros, revistas, *sites* e exposições de arte de interesse do grupo são compartilhados. Uma das questões que tem preocupado o grupo é como registrar as discussões e práticas pedagógicas que se originam a partir destes encontros. A dificuldade é encontrar o “tom” desta escrita. Durante os encontros mensais surgem algumas questões: o que escrever, como escrever, de que modo? Assim está certo?

Nestes anos, já fizemos registros em forma de diários de campo, cartas, textos diversos, portfólios. A opção agora é focalizar o registro em forma de diários. Esses diários, misto de portfólios (escritas visuais, que associam imagem e escrita) e os *hypomnemata* (escrita como prática de si mesmo), podem conter memórias dos encontros, reflexões acerca dos planejamentos das aulas, sobre as dúvidas e impasses que acometem cada professora no cotidiano escolar, etc. Acredito que o acompanhamento e análise destes registros é um instrumento de investigação importante sobre formação docente e, também, com a sua sistematização e divulgação, pode ser um impulsionador de práticas pedagógicas em arte diferenciadas das práticas mais comuns. Como pesquisadora e participante do grupo também tenho meu próprio diário de campo, que faz parte das análises.

Uma das possibilidades de experimentação da escrita individual e coletiva surgida no grupo é a divulgação deste trabalho através de um *blog* na Internet. Apesar de uma certa resistência e estranhamento docente diante das tecnologias virtuais, penso que este pode ser um meio importante para divulgar as ações e idéias deste grupo de professoras de arte. O *blog*³ também pode ser percebido como um “diário de bordo” ampliado, com um alcance bem maior do que podemos imaginar. Não há sentido para uma escrita de si, que não seja também uma escrita para os outros. A publicação destas escritas docentes em forma de livro é outra tarefa a ser perseguida por todo o grupo.

Vale lembrar que os “diários de aula” de docentes já tem sido utilizados em pesquisas qualitativas sobre formação de professores, como aponta Zabalza (1994). Acredito que este autor, a partir das análises que faz de diários de professores espanhóis, pode colaborar muito neste trabalho. Outras referências sobre diários também serão utilizadas, como publicações de diários tais como o *Diário de Frida Kahlo*, entre outros. Autores que tratam de escritas docentes em suas diferentes formas também serão importantes para nossas análises, tais como Mignot et al. (2000), Cunha (1997, 2000) e Leite (2002).

Luciana G. Loponte

A aposta da pesquisa é que a divulgação e multiplicação do material produzido pelo grupo (através de publicações diversas como livro ou mesmo *blogs*) possa apontar para práticas em ensino de arte que se diferenciam das práticas pasteurizadas incentivadas por manuais e livros didáticos, como *O dia-a-dia do professor* e *A professora criativa*, em ampla circulação nas escolas da região.

Como ferramenta teórica principal de análise das escritas, utilizo as problematizações que emergem da produção de Michel Foucault, especialmente aquelas que se referem a formação dos discursos e sobre ética e estética a partir do estudo das práticas ascéticas antigas, sobretudo, as escritas de si.

Na escrita dessas professoras, busca-se, no entrelaçamento entre escrita e amizade, uma “docência artista”, não como fim último, como um final redentor de salvação ou de algo que se pudesse chamar de conscientização. Que ética e estética docente surgem destes textos? Que espaço há para os discursos desviantes, os discursos que de alguma forma inventam a si mesmos, discursos artistas que fogem aqueles discursos hegemônicos do senso comum? As próximas páginas desta história serão escritas pelas próprias docentes...

Referências

BRANCO, G. C. Considerações sobre ética e política. In: PORTOCARRERO, V., BRANCO, G. C. (Orgs.). **Retratos de Foucault**. Rio de Janeiro: Nau, 2000. p. 310-327.

BUENO, B. O. CATANI, D. B.; SOUSA, C. P. de (Org.). **A vida e o ofício dos professores**: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração. São Paulo: Escrituras, 2002.

CUNHA, M. T. S. Diários íntimos de professoras: letras que duram. In: MIGNOT, A. C. V.; BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. (Orgs.). **Refúgios do eu**: educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 159-180.

_____. Diários femininos: devassas do eu. In: **SEMINÁRIO** Docência, Memória e Gênero. São Paulo: Plêiade, 1997. p. 105-112.

DERRIDA, J.; ROUDINESCO, E. **De que amanhã...**Diálogo. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FISCHER, R. M. B. . Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê. In: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos Investigativos III**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. A escrita de si. In: _____. **Ditos e escritos V**: Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a.

_____. Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho. In: DREYFUS, H. e RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica. para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 253-278.

GROS, F. Situação do curso. In: FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LARROSA, J. Os paradoxos da autoconsciência: um conto com prólogo, epílogo e moral, segundo alguns fragmentos das Confissões de Rousseau. In: LARROSA, J. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas.** Porto Alegre: Contrabando, 1998. p. 25-53.

LEITE, M. I. (Org.). **Ata e desata:** partilhando uma experiência de formação continuada. Rio de Janeiro: Ravil, 2002.

LOPONTE, L. G. **Docência artista:** arte, estética de si e subjetividades femininas. 2005. 207 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

LOPONTE, L. G.; SIPPEL, K. C.; RIBEIRO, L. B. **Uniarte Escola:** percursos de formação docente em arte. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2001. Relatório final de pesquisa.

_____. Uniarte Escola: formação continuada de professoras da educação básica em ensino de arte. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 8, n.1, p.7-25, jan./jun. 2000.

_____. **Imagens do espaço da arte na escola:** um olhar feminino. 1998. 176 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1998.

MIGNOT, A. C. V.; BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. (Orgs.). **Refúgios do eu:** educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 159-180.

ZABALZA, M. A. **Diários de aula:** contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores. Lisboa: Porto, 1994.

Luciana G. Loponte

Notas

¹. *O dia-a-dia do professor* é uma publicação da Editora Fapi, de Belo Horizonte (www.editorafapi.com.br). *A professora criativa* é uma publicação da Editora Gráfica Claranto, de Uberlândia, MG. Organizadas em diversas coleções, estes livros trazem, entre outras coisas, modelos prontos para colorir e sugestões de atividades artísticas para todas as datas comemorativas do ano. Geralmente são vendidos nas portas das escolas e ao contrário do que se pode pensar, são bastante caros. Mesmo assim, são adquiridos com satisfação por professoras e por diretoras dos estabelecimentos de ensino, na região de Santa Cruz do Sul.

². *Epimeleia heautou* pode ser traduzido como cuidado de si, ou preocupação consigo mesmo. No centro da noção de *epimeleia heautou* está uma atitude em relação a si, e também significa um princípio de ação, uma série de ações voltadas à modificação, transformação de si mesmo. Foucault identifica esse imperativo do cuidado de si como exercício filosófico, da Antiguidade até o ascetismo cristão, como um dos fios condutores possíveis para uma história (ou genealogia) das práticas de subjetividade. A noção de *epimeleia heautou* envolve três aspectos principais: uma atitude de respeito a si mesmo, aos outros e ao mundo; uma maneira de prestar atenção ao que se pensa e ao que sucede ao pensamento (e há aí um parentesco da palavra *epimeleia* com *melete* – meditação); designa uma série de ações sobre si mesmo, no sentido de modificação e transformação de si. Estas questões são aprofundadas em Foucault (2004a).

³. A experiência com o *blog* está em andamento: ver <http://arteeducacaoemovimento.blog.terra.com.br/>

Correspondência

Luciana Gruppelli Loponte - Rua Dona Amélia, 246/201 - Bairro Santa Tereza - Porto Alegre - CEP 90810-190.

E-mail: lucianagl@terra.com.br

Recebido em 10 de março de 2006

Aprovado em 12 de agosto de 2006